



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

20 DE AGOSTO
CINE BRASÍLIA
BRASÍLIA-DF

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE
JOSÉ SARNEY, POR OCASIÃO DA
MOSTRA «GLAUBER POR GLAUBER»

De admiração e carinho são feitas as imagens de Glauber Rocha que minha memória sempre reproduz.

Quando se via ou se ouvia Glauber, tinha-se a impressão de um permanente vulcão intelectual, em atividade ininterrupta de negações e afirmações. A racionalidade lhe despontava em pequenos clarões, lampejos até desnecessários, porque tudo era uma busca incessante da causa das causas, indagação contínua e angústia intelectual que marcaram sua trajetória.

Nada conseguiu dominá-lo: nem Deus aprisionou seu espírito, nem nenhuma ideologia o cativou. Nenhum homem, nenhum carisma, nenhuma mulher conseguiu escravizá-lo. Nada. Porque nele havia o desejo de liberdade, daquela liberdade feita da vastidão de todos os gestos, sem peias, sem limites nem conveniências.

Um homem que usava a sua liberdade até o limbo de uma santa demência. Poucas pessoas amaram tanto este País, sentiram tanto esta Pátria quanto Glauber Rocha.

Uma paixão por esta terra capaz de superar todos os ressentimentos. Paixão límpida, pura, desvencilhada de tudo porque era uma dádiva absoluta, sem dúvida a maior de toda a sua vida. Enfrentou todos os fanatismos, cuspiu na mediocridade e enfrentou a incompreensão de todos.

Quem o matou? Foi a vida dilacerada, com gosto de sal e de orvalho.

Nelson Pereira dos Santos bem definiu a personalidade polêmica de Glauber quando disse:

«Glauber fundou o cinema novo, e uma vez escreveu um artigo para acabar com o cinema novo. Ele tem essa capacidade de fazer onda...»

E Paulo Emílio Sales Gomes lembrou muito bem que Glauber era uma de nossas forças e nós Brasil a sua fragilidade.

Devo contar aqui a História do filme a que assistiremos. Tomava posse no Governo do Maranhão e fez uma ousadia como não se faz com um amigo como Glauber Rocha:

«Você podia documentar a minha posse?»

Com humildade, ele aceitou. Ao ser passado para o público num cinema de arte, há quase 20 anos, a reação inicial, de desconfiança, transformou-se em aplauso. Por quê? Porque, em vez de filmar a minha posse, ele

filmou o Maranhão, seus casebres, seus tipos de rua, sua miséria e sua esperança.

Disse antes que Glauber não foi escravo de ninguém. Que nenhuma mulher o escravizou. Entretanto, de sua memória se fez escrava uma mulher. A sua mãe: Dona Lúcia, a Tia Lúcia, que carrega todo um acervo de criação, organizando-o, buscando meios para transformá-lo, não em museu estático, mas num centro vivo como vivo era Glauber: o Espaço Glauber.

Estamos assinando este protocolo, hoje, quatro anos depois da morte do cineasta, e faremos o possível para, juntos com Dona Lúcia, dar vida ao Espaço Glauber.

Montaigne dizia que não tinha medo da morte mas que tinha medo de morrer. Glauber sempre falava que sentia medo da morte. Mais do que ele, tínhamos nós, brasileiros, medo que ele morresse.

Isso não acontecerá.

Ele será sempre uma luz para nós, luz em que identificamos nossa inquietação do espírito e nossa busca da liberdade que jamais morrerão.